

# "O AMADOR DE POEMAS E O POETA": A CORRESPONDÊNCIA ENTRE LAURO ESCOREL E JOÃO CABRAL

Marcelo dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe apresentar a correspondência de João Cabral de Melo Neto, poeta brasileiro, com Lauro Escorel, diplomata. Lauro e Cabral tiveram uma extensa amizade que pode ser vista ao longo das quatro décadas da correspondência. A correspondência entre Cabral e Lauro Escorel está depositada no AMLB (Arquivo-Museu de Literatura Brasileira) da Fundação Casa de Rui Barbosa. Este dossiê contribui para a discussão da poética construtiva de Cabral e da atividade crítica de Escorel, que não se encontra publicada.

**Palavras-chave:** Correspondência. João Cabral de Melo Neto. Lauro Escorel. Poesia. Crítica.

## L'amateur de poèmes et le poète": la correspondance entre Lauro Escorel et João Cabral

## RÉSUMÉ

Cet article propose présenter la correspondance de João Cabral de Melo Neto, poète brésilien, avec Lauro Escorel, diplômât. Lauro e Cabral de Melo ont avait une longue amitié que peut être vue au long de quatre décades de la correspondance. La correspondance entre Cabral de Melo e Lauro Escorel est à l'AMLB (Archive-Musée de Littérature Brésilienne) de la Fundação Casa de Rui Barbosa. Ce dossier contribue à la discussion de la poétique constructive de Cabral et l'activité critique de Escorel, qui n'est pas trouvée en publications.

**Mots-clés:** Correspondance. João Cabral de Melo Neto. Lauro Escorel. Poésie. Critique.

---

<sup>1</sup> Marcelo dos Santos é doutor em literatura comparada pela UERJ. Este trabalho vincula-se à pesquisa "O legado de João Cabral", coordenada pela Profa. Dra. Eliane Vasconcellos, com bolsa do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB. m.santos1977@gmail.com

Atualmente em fase de elaboração de seu inventário analítico, o arquivo de João Cabral de Melo Neto, depositado no AMLB (Arquivo-Museu de Literatura Brasileira) da Fundação Casa de Rui Barbosa, compõe-se de uma grande parte de correspondências com autores, críticos, familiares e amigos, além de documentos relacionados a projetos literários, como anotações e versões de artigos. O arquivo de Cabral pode ajudar o pesquisador a elucidar trajetórias de assuntos e composições na obra cabralina, tão marcada por uma ocultação dos inacabamentos de composição – o que se coaduna com a proposta de uma poética do corte ajustado à lâmina, da matemática ajustada do engenheiro, do acabamento. A grande ação cabralina por excelência é o arquivamento do poema, o poema “guardado na gaveta”, que ganhará, com a incessante intervenção do poeta – “a coragem de reler o que está feito” – a exposição pública da forma ajustada.

É com a leitura de cartas, de modo especial, que se podem acompanhar as discussões em torno de certas escolhas, direcionamentos, justificativas e de interesses da poesia cabralina. Reconhecido como um missivista singular, não por conta da efetivação de uma “correspondência”, mas por uma ausência, um evitamento de si que é muito característico e percebido ao longo da leitura integral de sua correspondência, Cabral se apresenta como “antiepistolar” por excelência, na tentativa de desarticular o topos da subjetivação, presente na prática dessa escrita de si. Porém, percebemos que, se a dessubjetivação<sup>2</sup> pode ser amparada por um “antilirismo” poético, uma leitura feita ao avesso pode perceber que certas posturas “dessubjetivizantes” recobrem, em parte, uma tentativa de represar a pregnância confessional do ato de escrever ao outro. Compreendendo como via de mão dupla o “processo de dessubjetivação”, penso que ao manter a ideia de evitamento de si, em contraponto, mas nunca em oposição, à noção de escrita de si desenvolvida por Foucault<sup>3</sup>, poderíamos matizar esse antissubjetivismo de Cabral em suas cartas lançando mão dos versos do poeta assumindo na voz do outro:

Dúvidas apócrifas de Marianne Moore (trecho)

Sempre evitei falar de mim,  
falar-me. Quis falar de coisas.

<sup>2</sup> Cf. Flora Süssekind na apresentação das cartas de Cabral para Drummond e Bandeira.

<sup>3</sup> Cf. Referências bibliográficas.

Mas na seleção dessas coisas  
não haverá um falar de mim?

Não haverá nesse pudor  
de falar-me uma confissão,  
uma indireta confissão,  
pelo avesso, e sempre impudor?  
(MELO NETO, 1994, p. 554, grifos nossos)

Nesse evitar-se se revela uma persona tramada nos limites entre a letra e o silêncio. Sobretudo, tem-se dessa persona a criticidade que se vai desenhando como inerente à sua poética: é notável a conversão que Cabral realiza do espaço da carta em espaço de “crise/crítica” pessoal, corporal, estética, profissional. Embora essa conversão possa ser contraposta ao gigante epistolar brasileiro – Mário de Andrade –, não podemos afirmar que o gigantismo de Mário pode se lido na mesma clave da evitação cabralina, ou seja, enquanto processos construtivos, eles podem mesmo se encontrar, ao menos na medida de suas insistências particulares. Não é raro o interlocutor reclamar da ausência de Cabral, do silêncio, das fugas ao assunto ou da parcimônia em falar de assuntos pessoais; retoricamente cortando o assunto “de si”, Cabral proclama: “Quanto a mim, é isso”.

Na correspondência de Cabral, o poeta que se constrói ao longo da conversa com seus pares (intelectuais, críticos, poetas amigos) delega à carta um papel que aparentemente pode ser considerado secundário: formulações do tipo “sou antiepistolar” etc. conduzem o leitor para a imagem de um poeta avesso à constituição de uma vida literária. Contudo, o que parece se definir na leitura sistemática de sua correspondência é um pacto entre os signatários, no qual o silêncio de Cabral funciona, caso seu correspondente esteja à prova, como demanda de investigação. Aqueles que negociaram de forma singular o ponto de ausência ou fuga cabralina desenvolveram uma grande e prolífica correspondência, mesmo que em algum momento ela fosse interrompida quando, por algum motivo, o pacto era quebrado. Como exemplos, podemos citar, em maior escala, a farta correspondência de Cabral com Murilo Mendes e Lauro Escorel; e, em menor escala, com Drummond, Bandeira, Lêdo Ivo, Joaquim Cardozo, Augusto e Haroldo de Campos, Antonio Abujamra, Clarice Lispector, para citar aqueles de afinidade mais evidenciada com o poeta.

Como desde a sua constituição como poeta – dos anos 1940 ao

começo da década de 1950 – Cabral se estabeleceu nos postos diplomáticos designados à sua atividade diplomática, primeiramente na Europa – Barcelona, Madri, Berna, Marselha – e depois na África – Dacar – e América – Quito –, entre outros postos, a comunicação com seus pares por meio de cartas é uma via privilegiada das relações, afetos, troca de notícias e projetos em comum (algumas revistas criadas ou projetadas por Cabral podem ter seus primeiros passos acompanhados na correspondência). É preciso sublinhar que a grande diferença entre a constituição da vida literária entre os poetas e escritores da geração anterior a Cabral (modernista) e a contemporânea a ele é o fato de que a troca de discussão entre esses escritores e poetas se faz em situação de exílio voluntário: Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector (acompanhando o esposo, o diplomata Maury Gurgel Valente), João Guimarães Rosa, entre outros, permaneceram ou tiveram períodos longos de estada no exterior.

A correspondência, portanto, se transforma, para o estudioso das relações literárias estabelecidas nessa geração que assume cargos diplomáticos, em um lugar privilegiado de escuta da constituição da literatura desses artistas. Ausentes da vida cultural do Brasil em algum período por um tempo considerável, os intelectuais e artistas transformam suas cartas em vias de acesso às transformações de suas escolhas poéticas e estéticas e de intervenção nas questões culturais candentes.

Uma das relações em que isso é mais exemplar, e de certa forma surpreendente para a aclamada “fuga da subjetividade” cabralina, é a correspondência entre Cabral e o diplomata e crítico de literatura Lauro Escorel. Estabelecida desde a segunda metade dos anos 1940, a troca de cartas entre os dois alimenta de maneira admirável as concepções que ambos têm sobre arte, literatura e cultura brasileiras vistas sob o olhar da distância espacial – que dimensiona o arco da distância crítica.

Representante de uma singular simbiose entre dois intelectuais, a correspondência de Cabral com Lauro Escorel deixa ver os trânsitos entre a ideia, a criação e a forma da poética cabralina; por outro lado, evidencia a formação de um intelectual de visão ampla, apurada, principalmente para a poesia, mas de pouco alcance editorial: são poucas as publicações críticas de Lauro Escorel, embora o leitor de suas cartas não possa deixar de notar a proliferação de interesses e assuntos.

O dossiê que abriga a correspondência entre Cabral e Lauro Escorel é composto, hoje, de aproximadamente 160 documentos, na sua grande maioria cartas, que abrangem o período de maio de 1945 a março de 1983. Intensificada após a distância se impor aos dois missivistas – Cabral se apresenta ao posto diplomático em Barcelona em 1947, e Lauro Escorel desloca-se para os Estados Unidos (Boston e Nova Iorque) na mesma época –, a correspondência só tem pausas quando os dois amigos encontram-se partilhando o mesmo posto, em 1969, quando Escorel chefiava a embaixada em Assunção, que tinha Cabral como ministro-conselheiro. Desse diálogo imaginado por nós entre os dois, tem-se como produto o livro **A pedra e o rio** de Escorel sobre a poesia de Cabral. Em carta de 1972, anexada na edição do livro de Escorel da ABL, Cabral não se furta a comentar o estudo do amigo sobre sua poesia:

Tenho pensado mais no seu livro de que V. pensa; sob meu ponto de vista, minhas reações. [...] Agora: V. não acha que eu tentei essa síntese, cujas teses e antíteses cujos pólos V. bem descobriu e mostra? Gostaria de ser capaz de lhe apontar os poemas em que a tentei. Mas me lembro do poema “A cabra”. Tenho uma carta sua dizendo que não gosta dele. Não seria isso um sintoma? (Apud ESCOREL, 2001, p. Xi-XII)

A lembrança de Cabral diz respeito a uma das cartas de Escorel, dentre inúmeras, que promovem a leitura crítica de poemas. Rastreando tal correspondência, podemos encontrar a leitura dos poemas que formariam **Psicologia da composição** com a **Fábula de Anfion e Antiode** como marco das trocas epistolares que contribuem ao senso crítico de Cabral e encorpam a observação sobre os caminhos da poesia moderna de Escorel.

A partir de 1946, ao lado das conversas sobre as remoções, sucessões e demais articulações do corpo diplomático brasileiro – durante as quatro décadas da correspondência entre os dois –, das notícias familiares e das impressões sobre o povo e a cultura dos países em que os dois passam a residir, convive a discussão sobre literatura, arte e poesia. Melhor dito, frequentemente a correspondência entre os dois é convertida em espaço crítico, de discussão sobre a poesia de Cabral, mas também sobre as leituras e visões de Lauro Escorel.

Essa conversão da carta em espaço crítico, realizada por Cabral, caminhando ao par com um processo de dessubjetivação ou evitamento de

si, já foi apontada por Flora Süssekind em ensaio publicado no livro **A voz e a série**. Nele, Flora compreende, na conjugação entre o projeto poético-crítico de Cabral e a escrita da carta, a negação do gênero:

No caso das cartas enviadas por João Cabral, se não faltam comentários bastante pessoais, como as queixas de nevralgias, ou dados sobre o seu cotidiano – “entre um telegrama e outro a cifrar e passaportes a assinar – como diplomata, torna-se, no entanto, quase tópica, nele, a negação do gênero, a afirmação, por vezes mesmo em meio a textos relativamente longos, de uma “indisposição epistolar” (SÜSSEKIND, 1998, p. 263).

Nessa “negação de um gênero”, encontramos, seguindo a leitura de Flora, os recursos de interrupção dos assuntos pessoais – como a redução da carta ou a súbita alteração do assunto – e a conversão da carta em ensaio: “Daí a quantidade de fragmentos ensaísticos espalhados pela sua correspondência” (SÜSSEKIND, 1998, p. 263).

Contudo, é preciso demarcar que, no caso específico da correspondência de Cabral com Lauro Escorel, o evitamento de si se dinamiza com o processo de poetização do sujeito. Se entendemos a evitação de si como o deslocamento ou desaparecimento das marcas de subjetivismo sempre aliadas de uma poética identificada com a concepção romântica de poesia, como assim delinea o próprio Cabral na figura do “homem romântico”, a figura do poeta vai ganhando corpo na relação entre ofício e esforço. Em muitas cartas, a figuração do poeta trabalhador, cujo corpo transpira os esforços do poema, contrapõe-se à ideia de poema espontâneo, que sai naturalmente da experiência e das emoções do poeta.

Portanto, o poema é a machine à émouvoir, conforme citação de Le Corbusier presente em **O engenheiro**; é ele que produz sentido, discussão, ao contrário de apenas ser espelho da experiência original vivida ou sentida pelo poeta. Em recente ensaio de Marcos Siscar, a partir de carta de Cabral endereçada a Clarice Lispector, podemos acompanhar a “tentativa de reverter a visão tradicional das relações entre forma e sentido” em Cabral (SICAR, 2010, p. 291). Porém, o que mais de perto nos interessa é essa poetização do sujeito, que significa, em última análise, a construção da figura do poeta construtor. Na carta endereçada a Escorel em 21 de novembro de 1946, percebemos como tal construção se faz no delineamento de um

corpo resultante do esforço do trabalho. Refletindo sobre a contribuição de Valéry à ideia de construção do poema, que faz submergir o império da espontaneidade em arte, Cabral parece dar um lance, em nossa concepção, decisivo de diferenciação do pensamento de Valéry. Embora reconheça a profunda importância do poeta francês para sua poesia, Cabral lamenta o que isso possa significar de "cansaço mental, dor nos olhos, nas costas, sobretudo desespero e a impressão de que a solução tal ou tal não será achada, etc, etc."<sup>4</sup>. Logo em seguida, alerta para certo efeito "esterilizador" que as propostas de Valéry podem exercer sobre ele e a poesia. Aproximando-se da ideia de poeta como lutador, presente também em um poeta de enorme importância para Cabral, o Drummond de "O lutador", Cabral dá a esse corpo de lutador duas figurações: a do corpo em risco do toureiro e a do corpo dolorido.

O poeta como toureiro é imagem bastante presente na poética cabralina, basta mencionar aqui o famoso "Alguns toureiros"; e, quanto ao corpo da dor, este se apresenta nas cartas de modo insistente, mas de nenhuma forma ligado à ideia de martírio pessoal, pelo menos por parte de Cabral.

Assinalamos, portanto, que na análise das cartas enviadas a Lauro Escorel, a ideia de uma poesia construída como uma máquina se articula com a construção do corpo fruto do esforço, o corpo do trabalho, conseqüentemente, o corpo dolorido. Embora o corpo da dor seja anúncio do cansaço, é também analogia ao esforço de construção, ao desgaste advindo do trabalho de composição. Mesmo a famosa dor de cabeça de que Cabral sofreu durante toda a sua vida, em carta a Escorel, é percebida como uma espécie de motor da lucidez: "...a minha dor de cabeça foi o equilíbrio para viver normalmente". Estranha conjugação entre dor e equilíbrio, mas menos estranha se consideramos a carta como espaço dessa construção do poeta esforçado. A dor, portanto, se transforma em ritmação da consciência alerta<sup>5</sup>.

Portanto, se há uma evitação de si nas cartas de Cabral, a leitura detida das cartas trocadas com Escorel faz ver o surgimento desse "corpo crítico" do poeta. Contudo, se consideramos o que Foucault (2010) descreve sobre o comportamento da carta como abertura de si para o outro, podemos acompanhar na leitura da correspondência em questão o processo formador

<sup>4</sup> Cf. carta citada de 21 nov. 1946.

<sup>5</sup> Para efeito de avaliação, remetemos o leitor à leitura do poema "Uma faca só lâmina".

do crítico Lauro Escorel. Nessa inter-relação, pois o espaço da correspondência sempre é uma via de mão dupla, não se pode compreender a evitação de si, em Cabral, sem a contrapartida conversão de seu remetente em crítico. Como num pacto de forças, o correspondente contumaz de Cabral transforma-se em debatedor de poemas enviados, mas também de outros poetas, escritores etc. No caso específico de Escorel, a propensão à crítica deste faz com que a correspondência acabe se tornando um projeto crítico, de programação apenas esboçada ao longo de cartas, mas de realização plena.

Da passagem de Escorel por Boston e Nova Iorque, Cabral recebe em cartas as impressões das cidades norte-americanas, dos espetáculos teatrais, dos museus de arte, dos costumes etc., dando à visão do amigo distante a narrativa de um turista crítico. Aos poucos, a conversa literária é posta em dia, com Escorel enviando apreciações sobre livros lidos, o que dá a nós, leitores, a dimensão das leituras em circulação na época: entre muitos autores, alguns de orientação marxista, dois críticos são mais frequentemente comentados: Herbert Read e aquele que serviria de contraponto às propostas de Cabral, I. A. Richards<sup>6</sup>.

Entusiasmado com o **Principles of literary criticism** de I. A. Richards, Escorel, ansioso em vivificar o debate sobre crítica com Cabral, apresenta e sugere a Cabral a leitura do livro para fundamentar as ideias de precedência do formal da composição poética, da consciência da produção construtiva e formal do poeta, sobretudo a demolição da tentativa de encontrar na origem do poema o poeta emotivo, ou, na expressão que ambos os missivistas usavam em algumas discussões, o “homem romântico”. Todavia, à medida que Cabral procurava se afastar da “poesia formal pelo formalismo”, as considerações de I. A. Richards eram vistas, usando uma analogia cara ao poeta, como um “touro” de que poeta achava melhor desviar, salir al paso.

Escorel começa a frequentar as aulas de literatura de Amado Alonso em Harvard, aulas que tiveram como produto final um estudo (que recebeu nota favorável do professor) sobre Góngora. Residindo em Barcelona, respirando ares espanhóis, Cabral parecia ser o leitor ideal desse estudo de Escorel, considerado pelo próprio autor, com as justificativas da modéstia embutidas, um estudo regular. Cabral aprova o estudo, reconhecendo no amigo as qualidades de

<sup>6</sup> I. A. Richards é reconhecido como um dos mentores do New Criticism.

bom crítico, e tem planos de editá-lo na recém-adquirida tipografia<sup>7</sup>. Fruto de uma crescente conversa mais constante sobre crítica e poesia, Escorel sugere a criação do projeto “O amador de poemas e o poeta”, cuja finalidade seria construir nas cartas o espaço do debate sobre poesia. Assim, Cabral poderia mostrar poemas e justificativas destes, e Escorel contribuiria com comentários e leituras afinadas com a discussão.

Seguindo a proposta, uma das análises de poemas seria decisiva para os dois missivistas: no espaço da carta, desenvolve-se uma das mais sistemáticas interpretações de **Psicologia da composição**, que ocupa 6 folhas manuscritas anexadas à carta de setembro de 1947. Essa análise revelou ao amigo poeta um método de leitura de poemas, que Cabral aprovou no elogio que faz a Escorel posteriormente. Mas uma observação de Escorel ficaria marcada ao ponto de ser retomada pelo crítico na carta de 24 em novembro de 1947: Cabral precisaria ampliar os temas da sua poesia.

Embora haja explicações bastante coerentes para a mudança, sobretudo temática, dos poemas “metapoéticos” de **Psicologia da composição** à composição de **O cão sem plumas** – a notícia da crescente mortalidade no rio Capibaribe, que Cabral lê na sala de um consultório; o aprendizado da investigação da metáfora com os poetas metafísicos ingleses, quando Cabral ocupa posto diplomático em Londres –, as palavras de Escorel sem dúvida ficaram ecoadas nos ouvidos críticos de Cabral, principalmente quando este percebe o lugar seguro em que os críticos elogiosos o tinham colocado. Em outra carta a Escorel, já nos anos 1950, Cabral reclama dessa recepção elogiosa, partilhada por “burgueses” e católicos”, que Cabral articulava a um certo esvaziamento ideológico do poema. Conforme tinha observado em outra carta, sobre a poesia no tempo do general Franco, a poesia puramente formal contribuía para os regimes autoritários, como começava a se delinear o integralismo crescente no Brasil do final dos anos 1940. Contra essa recepção e aceitação da forma pura, Cabral desfaz-se da impotência a que levava a concepção valéryana de poesia, reconhecida nas conversas com Lauro Escorel e na confecção de **Psicologia**, e dedica-se a dar um direcionamento social e

<sup>7</sup> Por recomendação médica para fazer exercícios, Cabral adquire uma prensa tipográfica no final dos anos 1940. Seus primeiros planos para ela são edições de antologia de poetas da Catalunha e de poemas brasileiros traduzidos. A prensa operada por Cabral edita livros de amigos, como o **Mafuá do malungo** (1948) de Manuel Bandeira e o poema “Pátria minha” (1949) de Vinicius de Moraes, entre outros. As edições artesanais de Cabral ficam conhecidas pelo selo “O Livro Inconsútil”, criado pelo poeta.

político ao seu racionalismo.

Nas cartas de 1950, Cabral, consciente de sua “nova fase”, teme a aceitação de Escorel das novas direções que **O cão sem plumas** tomava, direções que o poeta considerava, à época, definitivas. Por conta desse temor, de perder, como Cabral lembra, “o divórcio de um amigo inteligente” a cada novo livro, o poeta recorre à lucidez crítica do amigo. Por isso, a euforia da sinalização positiva de Escorel a **O cão sem plumas** é expressa enfaticamente. Em resposta, Escorel lembra que ele mesmo havia sugerido essa ampliação dos temas da poesia de Cabral, ainda que não supusesse que o regionalismo seria essa saída<sup>8</sup>. Contudo, Escorel ressalta que o regionalismo de Cabral não abandona a construção formal, o racionalismo, o materialismo da visão do poeta.

Em carta seguinte, Cabral aquiesce à observação de Escorel, ressaltando o fato de que, se havia uma decepção, era de sua poesia, considerada por ele “racionalista e materialista”, não ter sido lida como revolucionária num país “envenenado de catolicismo e mil outras formas de irracionalismo”. Ou seja, o crítico Escorel havia mostrado ao poeta Cabral os alcances e limites da sua própria poesia.

O exemplo da passagem do “racionalismo como puro exercício de si”, para o “racionalismo social e político” é decisivo para se entender não somente as transformações poéticas de Cabral, mas para, por um lado, ressaltar as contribuições do diálogo crítico entre Escorel e Cabral, no momento em que há, portanto, dois processos de formação: a do poeta-crítico e do crítico-amador de poemas; e, por outro, das repercussões e juízos críticos em circulação nas décadas de 1940 e 1950. A leitura sistemática da correspondência entre Lauro Escorel e Cabral pode contribuir para investigação mais cuidadosa desses tópicos. Ainda mais: para refletirmos sobre a bela narrativa dos amigos da poesia.

Artigo recebido em: 02/05/2011  
Aceito para publicação: 02/10/2011

<sup>8</sup> Em carta anterior, Escorel manifestara certo horror ao regionalismo.

## REFERÊNCIAS

ESCOREL, L. **A pedra e o rio**: uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo neto. Rio de Janeiro: ABL, 2001.

SÜSSEKIND, F. (org.). **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

\_\_\_\_\_. Cabral – Bandeira – Drummond. In: \_\_\_\_\_. **A voz e a série**. Rio de Janeiro: Sette Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 263-293.

SICAR, M. A máquina de João Cabral. In: \_\_\_\_\_. **Poesia e crise**: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. p. 287-304.

MELO NETO, J. C. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro; Nova Aguilar, 1994.  
\_\_\_\_\_. **Cadernos de literatura brasileira**. n. 1. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 1997.